

TRABALHO 52

**A TRANSFERÊNCIA ENQUANTO FENÔMENO
UNIVERSAL DAS RELAÇÕES HUMANAS
TENDO COMO CENÁRIO A
INVENÇÃO DO HUMANO**

**FERNANDO JOSÉ GONÇALVES CARDOSO
HENRIQUE COSTA BROJATO**

Como fazer a referência ao citar o trabalho 52

CARDOSO, Fernando José Gonçalves; BROJATO, Henrique Costa. A transferência enquanto fenômeno universal das relações humanas tendo como cenário a invenção do humano. In: NASCIMENTO NETO, José Osório do; RIBEIRO, Nonie; CANDIOTTO, Lucimara Bortoleto. (Orgs.). *Tecnologia e inovação: limites e possibilidades do metaverso para a pesquisa, extensão e internacionalização*. Anais do Seminário de Pesquisa, extensão e internacionalização. (Regional Centro Sul – SEPESQ e Jornada de Iniciação Científica Estácio). 1. ed. Curitiba: GRD, 2023. ISBN: 978-65-997628-5-7 FATEC | ISBN: 978-65-997628-4-0 ESTÁCIO | DOI: 10.5281/zenodo.7922707

A TRANSFERÊNCIA ENQUANTO FENÔMENO UNIVERSAL DAS RELAÇÕES HUMANAS TENDO COMO CENÁRIO A INVENÇÃO DO HUMANO

Fernando José Gonçalves Cardoso ¹

Henrique Costa Brojato ²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar argumentações sobre a transferência enquanto fenômeno universal das relações humanas tendo como cenário a invenção do humano. Percorre alguns pontos do conceito de transferência através das estruturações da obra de Freud e com arcabouço na obra de Lacan. Se faz um contraponto com fundamentações antropológicas e da literatura por meio de Shakespeare. Fazendo um referencial da formatação do ser humano diante da noção de civilização e cultura sempre colocando em tônica o foco transferencial através do método psicanalítico. Em última instância levantamos um questionamento sobre a nova influência do metaverso e a questão da transferência.

Palavras-chave: Psicanálise; Transferência; Cultura; Freud; Lacan.

INTRODUÇÃO

O artigo presente vem traçar argumentações sobre a transferência enquanto fenômeno universal das relações humanas, tendo como cenário a invenção do humano. Para isso, vamos percorrer sobre alguns pontos do conceito de transferência, estruturado por Freud, com a finalidade de compreender as questões inerentes em torno desse construto, fundamental para o saber psicanalítico. Para isso, vamos trabalhar com os referenciais freudianos relatados em sua vasta obra. Também amparados em conceitos estabelecidos

¹ Discente – Curso de Psicologia – Faculdade Estácio de Curitiba. E-mail: ferdocuritiba@hotmail.com

² Docente – Curso de Psicologia – Faculdade Estácio de Curitiba. E-mail: costabrojato@gmail.com

por Lacan. Fazendo um contraponto com fundamentações antropológicas e da literatura por meio de Shakespeare, estabelecendo que antes, as personas literárias não se desenvolviam através de suas motivações e alterações do seu interior. Foi através de Shakespeare, que as personagens se desenvolvem motivadas por suas capacidades de recriarem-se a si mesmas. Muitas vezes isso ocorreu porque escutavam sua própria voz, falando consigo mesmas ou com terceiros. Essa escuta de si mesmo, é colocada por Freud, como o coletivo encontrado no indivíduo (no eu), sendo este totalmente irrepártível do emaranhado das relações humanas. Fundamentando que o sujeito é concebido quando está em relação com o outro, e essa individualização converge com as tangenciais que regem a socialização. Assim, tanto Freud como Lacan estabelecem sobre essa escuta do inconsciente, colocando a experiência do indivíduo como material único, por meio da tônica de que “a psicanálise abriga os recursos de uma verdadeira “revolução antropológica” (ASSOUN, 2012, p. 36), estabelecendo que a transferência é uma rota de acesso ao inconsciente.

Vamos entender em torno do vocábulo “transferência” e seu arcabouço conceitual enquanto determinante da formatação do indivíduo humano. É de importância colocar que, no compêndio freudiano, os substratos da transferência modificam-se em sua extensão, evoluindo com suas reformulações e evoluções de suas teorias. A intenção não é exaurir sobre essas transformações. Mas sim, tentar fazer um referencial dela com a formatação do ser humano diante da noção de civilização e seus entremeios sociais, nos quais as relações humanas solidificam o conceito de humano diante da própria complexidade. Fazemos um recorte do pensamento freudiano, refletindo na dinâmica da transferência como fenômeno universal intrínseco da humanidade.

Compreendendo os fenômenos circunscritos na teoria freudiana que perfazem o reflexo da condição humana diante da existência através de seus laços sociais que se entrelaçam e se perfazem na tônica crucial do foco transferencial consolidado através do método psicanalítico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O molde do homem moderno foi estabelecido por William Shakespeare, em tese defendida por Bloom (2001). Hoje somos aquilo que somos, devido a influência dos escritos do bardo inglês que atravessaram centenas de anos. Essa linguagem universal da obra shakespeariana contribuiu com a formatação do mundo e com a própria expressão do homem, fazendo dela um laboratório da condição humana. Ele viveu em um contexto de rupturas de paradigmas, do pensamento medieval focado em Deus e colocando o homem como centro das questões através de suas complexidades. Apesar de todo aparato tecnológico que nos rodeia hoje, no fundo ainda somos seres que sabemos pouco sobre quem somos e para onde vamos. A mesma tônica em entender o enigma da esfinge está na tragédia, Édipo Rei de Sófocles:

“Decifra-me ou devoro-te: qual o ser que anda de manhã com quatro patas, ao meio-dia com duas e à tarde, com três e que, contrariamente à lei geral, é mais fraco quando tem mais pernas?” Édipo de imediato respondeu: “É o homem, porque quando pequeno, engatinha sobre quatro membros; quando adulto, usa as duas pernas e, na velhice, caminha com um bastão” (BRANDÃO, 1997, p. 285).

Vencendo a esfinge, revelado em um verdadeiro embate pungente do homem consigo mesmo, o “outro de si mesmo refletido no espelho de um ser de feições híbridas”. Desta forma, “decifrar-se, interpretar-se é o único caminho... para não ser devorado pelo absurdo” (MATTEO, 2007, p. 193). Onde nascem nossas neuroses? Onde solidificam-se nossos tabus? A ferida narcísica foi a capacidade humana de pensar e se conscientizar. O mito edipiano transfigurado em complexo é a explicação da origem de nossa identidade sexual, contundo com o que o desejo pode acarretar de angústia e prazer, dando origem aos nossos sofrimentos neuróticos. (NASIO, 2021). A esfinge também representa o “momento mítico do nascimento da consciência do eu (ego)... que capacita o ser humano a representar a si e ao mundo, com suas valências de morte e de vida

e representações relativas à castração” (CUNHA; TAUNAY, 2013, p. 6). Freud (2021), parametrizando o mito grego, circunscrita o referencial do complexo neurótico, que se estabelece na encruzilhada que tende ao parricídio e ao incesto. Desta forma, em sua obra, o homem é desconstruído e desnudado ferindo a própria condição humana em sua natureza, venerando o inconsciente como célula da neurose humana. Para tanto, vamos entender o vocábulo “transferência”:

“Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. (...) O termo “transferência” não pertence exclusivamente ao vocabulário psicanalítico. Possui, de fato, um sentido muito geral, próximo do de TRANSFERÊNCIA transporte, mas implica um deslocamento de valores, de direitos, de entidades, mais do que um deslocamento material de objeto. (...) Na origem, a transferência não passa, para Freud, pelo menos no plano teórico, de um caso particular de deslocamento do afeto de uma representação para outra. (...) Freud descobre que é a relação do sujeito com as figuras parentais que é revivida na transferência, principalmente com a ambivalência pulsional que a caracteriza” (LAPLANCHE, 1991, p. 514-516).

No texto O mal-estar na civilização, de 1930, Freud (2021) distingue o homem em contraponto aos outros animais a partir da questão da civilização. É na própria língua alemã através da sociologia que Elias (1994) estabelece os conceitos de *Kultur* e *Civilization*, que designavam as particularidades do povo alemão através do estilo de vida da elite que dominava o cenário cultural. Esse fazer da vida designava a questão de civilização. Para Freud (2021), é esse certame que identifica a humanidade, este atributo coletivo que nos dá notoriedade em relação ao resto da cadeia alimentar. Ele não faz cisão entre civilização e o conceito de cultura. Assim, nossa vida é caracterizada por nossas escolhas e vontades, mas afastada de nossa natureza instintiva. Civilização é o componente regulador que estratifica e domina a natureza do homem, sendo o

oposto da barbárie, onde o que prevalece são os impulsos animais estabelecidos pela evolução das espécies.

O confronto de fato medula-se na tangência da civilização e os limites pulsionais, através da interdição do incesto. “Nossa civilização, articula Freud, é de maneira geral edificada sobre a repressão das pulsões” (ASSOUN, 2012, p. 14). Somos formados através de nossas antíteses, pois lutamos contra nós mesmos para nos edificarmos diante do marco civilizatório: “Se o neurótico possui sintomas, ele é também o sintoma vivo da cultura” (ASSOUN, 2012, p. 15). Somos frutos ululantes da junção impossível entre pulsão e civilização. Em uma sinuca neurótica, exteriorizada através da nossa hipocrisia social. Essa mentira social que nos coloca em xeque e que, muitas vezes, nos leva à falência daquilo que verdadeiramente somos.

Ao tentarmos entender as questões em torno da sociabilização, não podemos esquecer a afirmação antropológica: “o encontro dos sexos é o terreno em que a natureza e cultura se deparam um com o outro pela primeira vez. É, além disso, o ponto de partida, a origem de toda cultura” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 147). O *homo sapiens* provido do sexo, tal como os outros animais, apenas se afastando da primícia animal, lhe sendo atribuído uma fundamentação artificial, convencional e arbitrária. O elemento instituidor da cultura como a proibição do incesto. A cultura desabrocha com a convergência dos sexos, assim a guia se estabeleceu na satisfação do impulso sexual através da convivência humana, pois “As forças que podem ser empregadas para atividades culturais são, portanto, em grande medida, obtidas por meio da supressão daquilo que se conhece como elementos perversos da excitação sexual” (Bauman, 2009, p. 75).

Freud (2021) em muito nos aponta essa predisposição primitiva e impiedosa do sujeito humano, de vasculhar instintivamente o deleite do seu prazer acima de qualquer coisa. E tal feito sucede-se desde a tenra infância, átimo da invocação alcunhada como id:

“Uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda teoria do aparelho psíquico. O id constitui o polo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são as suas diferenciações” (LAPLANCHE, 1991, p. 219).

Com a efervescência do tempo, entre infância e adolescência, ainda acontece a unidade geradora do prazer que deriva da vivência social, já que “A individualidade consiste inteiramente na relação privilegiada em que culminamos como sujeito no desejo” (LACAN, 1992, p. 173). O estreitamento de laços com outras pessoas acaba engendrando satisfações através de situações prazerosas e protetivas, marcando o desenvolvimento do superego na psique humana, formatando concepções morais e de convivência social: “A Civilização entra em conflito com sua própria "intenção", com sua finalidade, que é regular as pulsões (...) Há, nesse sentido, uma neurose da cultura” (ASSOUN, 2012, p. 16).

Freud (2019) questiona-se de fermentarmos entre o prazer e o desprazer e como essas sensações agem imperiosamente em nós. E no desenrolar investigativo, estabelece que tanto prazer, como desprazer, estão relacionados a excitações libidinais. O princípio do prazer cria uma regulação geradora de estabilidade. Mas vale ressaltar que para o gozo não há limite de segurança. E com base nas questões de prazer ele percebe o deslocamento da conformação diante de uma situação aparente desconfortante. Desta maneira, estabelece-se o recalque. Não recordamos de experiências de desprazer, mas a compulsão em repetir faz com que busquemos experiências dolorosas nas relações, gerando um prazer fora do lugar, além do princípio do prazer:

“O que a psicanálise aponta nos fenômenos de transferência dos neuróticos é encontrado igualmente na vida de pessoas não neuróticas. Nelas dá-se a

impressão de um destino que as persegue, de um traço malévolo no seu viver, e a psicanálise sempre viu tal destino como, em boa parte, preparado por elas mesmas e determinado por influências da primeira infância” (FREUD, 2019, p. 181).

“A transferência (...) é o automatismo de repetição” (LACAN, 1992, p. 173). Ela é repetida pelos neuróticos através de situações desagradáveis. Assim, transferem ao lugar do outro: situações de desprezo, ciúme exacerbado, imaginam traições, sentem-se sem a devida gratidão, fomentam fantasias. Tudo isso, por meio da repetição, da compulsão de situações que conduzem ao desprazer e ao gozo: “Na transferência e do destino das pessoas, sentimo-nos (...) que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer” (FREUD, 2019, p. 183).

A civilização ou a noção de cultura nos embarga diante de nossos processos de satisfação. E toda essa inibição fecunda em mal-estar, fazendo com que a atividade psíquica não desemboque em processo satisfatório. Desta forma, iremos explorar outras maneiras para apontar esse frame pulsional; algumas vezes indo em torno das benesses do convívio social e outras vezes através do artefato da sublimação. A satisfação está atrelada a nossa busca na realização do desejo. Freud (2021) estabeleceu que o desejo inconsciente é o desejo edípico. O desejo da consumação do incesto que automaticamente se fecunda na falta de algo. Quando bebê desejamos o alimento, o carinho, a atenção dos genitores, vamos crescendo, aumentando o contato com outras pessoas, nossa convivência com a sociedade que nos circunda e vamos aumentando o nosso repertório de desejos: “Essa libido do Eu só se torna convenientemente acessível ao estudo analítico após achar emprego psíquico no investimento de objetos sexuais” (FREUD, 2021, p. 136). Nossas verdades secretas derivam desses desejos que vamos aprendendo a censurar por intermédio das interfaces da cultura, circunscritas nas nossas relações estabelecidas. Todos possuímos desejos que deixamos escondidos, e a capacidade de classificá-lo em bom ou

ruim, se dá a partir do nosso próprio julgamento que se instaura nas moralidades e regras estabelecidas pela sociedade:

“É instrutivo que a criança, sob influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa ser induzida a todas as extensões possíveis. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e moral – ainda não foram erguidas ou se acham em construção” (FREUD, 2021, p. 98).

Nossos desejos são movimentados em direção a um objeto e se estabelecem no inconsciente através de indícios infantis que nunca aniquilamos. Não existem regras para o desejo humano, não há amarras sociais, pudores ou imposições morais. Para Lacan (1992), somos seres incompletos e os desejos estimulam a procura daquilo que nos falta, mas que de fato, nunca poderá ser concluída. O nosso desejo é ratificado no desejo do Outro, “Devido à natureza da transferência, o que lhe falta, ele vai aprender amando” (LACAN, 1992, p. 23). O desejo se estabelece como a mola do amor. A investida em alcançar o preenchimento, mas que sempre está além. Mesmo que seja estabelecida essa continência das nossas satisfações, fertilizando o denominado malestar estabelecido por Freud (2021), o estreitamento das relações sociais demarca as questões de civilização e de cultura. Ou seja, os laços humanos estabelecidos pelas relações condecoram: o aprendizado, o afeto, a alimentação, a proteção, todas as nossas expressões e manifestações.

“Não se trata mais simplesmente de um hiato funcional entre satisfação e realidade, mas de um profundo “impossível viver” ligado ao próprio estatuto cultural do sujeito”. (ASSOUN, 2012, p. 14), já que, quando tentamos situar a subjetividade do sujeito humano, insurge o fenômeno denominado transferência. Esta fica retificada naquilo que estabelecemos em nossas situações cotidianas e que arcaibouçam nossas experiências de vida. Evidencia-se que a “transferência é o núcleo da nossa experiência.” (LACAN, 1992, p. 12). Podemos

deslocar o conceito da transferência e sua convergência com o conceito de repetição, que se sucinta em compulsão à repetição:

“Processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade. (...) Com efeito, são experiências manifestamente desagradáveis que são repetidas, e, numa primeira análise, não se vê muito bem que instância do sujeito poderia encontrar satisfação nisso; embora se trate de comportamentos aparentemente incoercíveis, marcados por esta compulsão própria de tudo o que emana do inconsciente, ainda assim é difícil pôr em evidência aqui a realização de um desejo recalcado, ainda que sob a forma de compromisso. (...) O caminho da reflexão freudiana nos primeiros capítulos de Além do princípio do prazer não significa uma recusa da hipótese fundamental segundo a qual, sob o aparente sofrimento, o do sintoma por exemplo, se procure a realização de desejo. Mais: é neste texto que Freud apresenta a tese bem conhecida segundo a qual o que é desprazer para um sistema do aparelho psíquico é prazer para outro. Mas tais tentativas de explicação deixam, segundo Freud, um resíduo” (LAPLANCHE, 1991, p. 83-84).

Ou seja, a transferência se fecunda nas questões reacendidas pelo sujeito, revivendo relações ou situações já experimentadas, muito por ventura estabelecidas em torno do pai, da mãe ou de qualquer outro elemento motivador relevante na vida. Freud (2019) constatou que a repetição estereotipada estava intimamente ligada com a transferência, já que "A transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido". (FREUD, 2019, p. 166).

Em Freud (2021) quando o sujeito se fundamenta ele não se reconhece no outro em primeira instância, pois de início vivencia a autoerotização que se situa em um processo de autossuficiência, anulando ou colocando em baixa a frustração.

Pois a frustração está atrelada à dependência do outro. Assim, vemos claramente a figuração do amor e do ódio narradas:

“O modo como os seres humanos em geral se comportam afetivamente uns com os outros. Conforme a célebre alegoria de Schopenhauer, sobre os porcos-espinhos que sentem frio, nenhum deles aguenta uma aproximação muito íntima do outro. Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas — matrimônio, amizade, o vínculo entre pais e filhos — contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido. Isso é mais transparente nas querelas entre sócios de uma firma, por exemplo, ou nas queixas de um subordinado contra o seu superior” (FREUD, 2021, p. 56).

Ainda em Freud (2021), se pontua a questão do amor ao próximo. Mostrando que esse mandamento é uma imposição ideal do marco civilizatório. Seria possível essa entrega resoluto e sem critérios ao outro? Esse amar sem medida sem saber de fato quem é o outro é tão negativo e vil contra a própria natureza humana. Leis universais talvez estejam situadas em um arcabouço impossível, pois colocam o ser humano em xeque entre as moralidades regentes e as questões imperiosas do inconsciente. Contudo, os laços sociais são estabelecidos através da culpa ou estão ligados a situações de desamparo, pois a relação entre o eu e o outro é estabelecida como produto da civilização, e é nisso que nos identificamos como humanos. Em termos culturais, é no estabelecer das relações humanas tendo como cenário a própria invenção de nós mesmos, pois só existimos através do outro e vice e versa: “A cultura é o curso de desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está inextricavelmente ligado a ela” (FREUD, 2021, p. 105).

Voltando ao complexo de Édipo, é preciso ter consciência que não se trata apenas da relação de amor e ódio entre pais e filhos, mas trata-se de sexualidade, “uma história de corpos que sentem prazer em se acariciar, se beijar e se morder, em se exhibir e se olhar, em suma, corpos que sentem tanto

prazer em se tocar quanto em se fazer mal” (NASIO, 2021, p. 10). O que motiva os sujeitos envolvidos são os corpos, os desejos, as fantasias e o prazer, e não apenas o sentimento e a ternura. “Psicologicamente se justifica que ela comece por desaprovar as manifestações da vida sexual infantil, pois não há perspectiva de represar os desejos sexuais dos adultos sem um trabalho preparatório na infância” (FREUD, 2021, p. 68); é aqui onde alvorece o limiar tênue entre amor e ódio, entre as pulsões de vida e de morte, osculam o amor e o ódio que definha o desejo.

A blasfêmia freudiana, desde sua época, é evidenciar a questão do Édipo, no qual o desejo sexual de um adulto arde no corpinho e na cabecinha de uma criança por volta dos quatro anos tendo como foco os seus genitores: “É a primeira vez na vida que a criança conhece um movimento erótico de todo seu corpo em direção ao corpo do outro” (NASIO, 2021, p. 10). O Édipo a florado na criança a satisfaz em desejar e se satisfaz com isso, e mais ainda, isso a aterroriza. O medo de ser punida pelo desejo considerado proibido. O desejo excita a criança fazendo-a feliz com suas fantasias, mas proporcionalmente acarreta uma enorme angústia, trazendo a fantasia da possibilidade do desamparo e da vivência da dor, através do complexo de castração: “Não é a repressão que cria a angústia, essa é anterior, a angústia faz a repressão” (FREUD, 2021, p. 230). Assim, com todas suas forças, a criança recalca seus medos e desejos, fazendo surgir sentimento de culpa, pudores, moralidades e a instituição da identidade sexual. O complexo de Édipo repete-se a cada transferência humana.

“O Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente” (NASIO, 2021, p. 12); além de se estabelecer como crise sexual do desenvolvimento psíquico, igualmente é a mola da fantasia pactuada no inconsciente infantil. “Essas primeiras vivências sexuais da criança estão ligadas a penosas impressões de angústia, proibição, desapontamento e castigo. Compreende-se que tenham sido reprimidas”

(FREUD, 2021, p. 155), além disso, esse registro perdurará até o fim da vida como quimera determinante da identidade sexual, sentenciará os variados traços da personalidade e designará a habilidade em comandar os antagonismos afetivos. O complexo de Édipo é “o modelo que utilizamos para pensar o adulto que somos” (NASIO, 2021, p. 13). Tal como a criança, vivenciamos o aflorar do desejo pelo outro, construímos fantasias, vivenciamos o prazer com o corpo nosso e do outro, nos tememos e nos acovardamos diante de nossos impulsos, freando o desejo e o prazer para nos encaixarmos socialmente, mesmo que para isso, feridas sejam criadas dentro de nós. “A luta entre as forças impetuosas do desejo sexual e as forças da civilização que se lhe opõem. O melhor desfecho para essa luta é um compromisso chamado pudor e intimidade” (NASIO, 2021, p. 13).

Em suma, o Complexo de Édipo afronta desejos hostis e amorosos da criança em relação as figuras parentais. Em redução simples e positiva, a criança sente desejo pelo genitor do sexo oposto e rivalidade com o do mesmo sexo. Todo conceito organizacional psíquico da criança gira em torno dessa energia libidinal. Nesse enquadre, acontece o que é denominado de triangulação. Essa base triangular é levada como referencial em todos os cenários da vida adulta, formatando nossos modelos de como encararemos nossas principais relações humanas, principalmente no que tange àquelas circunscritas no campo da afetividade.

“O Édipo nos serve para compreender como um prazer erótico apodera-se de uma criança de quatro anos para se transformar em um sofrimento neurótico que atormenta o homem ou a mulher de quarenta anos que ela se tornou” (NASIO, 2021, p. 67-68).

Realidade e fantasia caminham juntas. Essa relação triangular gera algumas sequelas sobre a formação da personalidade, manifestada através das diversas imagens parentais e suas relações processadas na convergência dos vértices do triângulo: “O princípio do prazer se converteu no mais modesto princípio da

realidade, sob a influência do mundo externo —, se alguém se dá por feliz ao escapar à desgraça e sobreviver ao tormento” (FREUD, 2021, p. 30).

Voltando ao contexto transferencial, é através da transferência que podemos reconhecer padrões inconscientes, “Das reações de repetição que surgem na transferência, os caminhos já conhecidos levam ao despertar das recordações, que após a superação das resistências se apresentam sem dificuldade” (FREUD, 2021, p. 207). Com esse olhar em torno de nós mesmos que conseguiremos perceber a forma como nos baseamos nas nossas relações humanas e como isso afeta nossos sentimentos e pensamentos. “O fenômeno da transferência é considerado imitar ao máximo, até mesmo chegando a confundir-se com ele: o amor” (LACAN, 1992, p. 45): nada mais humano e peculiar a nossa personalidade do que a transferência. Sendo assim, a transferência nos molda e nos formata diante do mundo, fenômeno universal que rege e norteia todas as nossas relações humanas que se solidificam no marco civilizatório, nos fomentando no cenário da existência para nos inventarmos enquanto humanos: “Igualmente, chegamos aqui ao ponto onde a transferência aparece como, falando propriamente, uma fonte de ficção. Na transferência, o sujeito fabrica, constrói alguma coisa” (LACAN, 1992, p. 176).

Em todo nosso cotidiano, vivemos em torno das relações com a sociedade, com a cultura que nos fundamenta enquanto humanos. Também somos circunscritos no meio através de nossos atos. Essas ações humanas são frutos do mecanismo inconsciente da transferência. Podemos localizá-la em diversas situações da vida, em variados cenários.

A transferência atua tanto de forma positiva como negativa, ela se sustenta em diversos nichos de relacionamentos convencionados entre os humanos.

“Para quem não apreendeu esta articulação e o que ela implica como condições no simbólico, no imaginário e no real, é impossível captar aquilo de que se trata nesse efeito, tão estranho por seu automatismo, que se chama a transferência, impossível comparar a transferência e o amor, e medir a parte, a dose, do que

se deve atribuir a cada um, e reciprocamente, de ilusão ou de verdade” (LACAN, 1992, p. 42).

Quando idealizamos em torno de uma pessoa, colocamos expectativas, no caminhar da realidade e da fantasia, formatamos a realidade a partir da nossa lógica fantasiosa, padrão inconsciente. Nada é sempre real. O Real insiste, mas somos constituídos, enquanto sujeitos do inconsciente, de forma a sempre deixar escapar o que do real advém. Essa é nossa sina:

“Pelo simples fato de haver: transferência, estamos implicados na posição de ser aquele que contém o agalma, o objeto fundamental (...) condicionado por essa relação de vacilação do sujeito que caracterizamos como o que constitui a fantasia fundamental, como o que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo” (LACAN, 1992, p. 194).

E quando levamos a questão da transferência aos novos cenários que se abrem aos humanos, com as possibilidades cibernéticas do metaverso? A cultura insurge na vivência virtualizada, estabelecendo uma profundidade humana em termos existenciais. Como já averiguamos ao longo, que o cenário cultural nos fundamenta enquanto humanidade e como será a subjetividade deste atual sujeito formatado e inserido nas novas tecnologias digitais e quais as transformações que tais situações podem nos colocar em torno da psicanálise criada por Freud? Qual seria o atual mal-estar atribuído a essa nova tendência? Como a dualidade pulsional estabelecida por Freud (2019), através da pulsão de vida e da pulsão de morte romperia com o novo paradigma cibernético que se estabelece no metaverso através desse novo tempo e espaço? Como as relações transferenciais se estabelecerão em torno desse novo espaço cultural que se abre e o que elas acarretarão de angústia e prazer? Talvez estejamos diante da nova esfinge, além da pós-modernidade. Onde teremos que antes de tudo lembrar das palavras gravadas no templo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo! A cultura sempre constituirá o sujeito humano que através dela estabelecerá relações e estaremos latentes nas novas metamorfoses culturais que começam a se pulverizar em torno de nossa existência.

A transferência é um dos pilares que fundamentam a edificação do conceito da psicanálise, pois ela é um dos ápices dos processos do inconsciente. Como a própria questão transferencial se instaura em questões subjetivas, assim como Freud investigou as barreiras dos processos psicanalíticos, sua teoria sempre é lida e revista, e os trabalhos em torno da transferência continuam em atualização constante. Desta maneira, é preciso maiores estudos com o viés psicanalítico para viabilizar discussões sobre os impactos da noção de transferência para nossa sociedade contemporânea e suas relações humanas universais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados, traçamos argumentações sobre a transferência enquanto fenômeno universal das relações humanas tendo como cenário a invenção do humano. Percorremos em torno de alguns conceitos de transferência para compreendermos em torno desse construto que fundamenta todas as conexões do conhecimento psicanalítico. Foi trabalhado com referenciais freudianos e lacanianos fazendo um contraponto com fundamentações antropológicas e também da literatura através de Shakespeare. Compreendeu-se em torno do vocábulo “transferência” e seus conceituais determinantes como formatador do indivíduo humano. Constatando as inúmeras conceituações e reformulações em torno das questões transferenciais. A tentativa foi de fazer um referencial da transferência como mecanismo padrão do inconsciente diante da noção de civilização e cultura com seus entremeios sociais em que as relações humanas se solidificam através da criação do sujeito humano.

Um recorte do pensamento freudiano, também arcabouçado no pensamento laciano com os reflexos da dinâmica da transferência como fenômeno universal intrínseco da humanidade através de seus laços sociais que se entrelaçam e se perfazem na tônica crucial do foco transferencial consolidado através do método psicanalítico.

Também levando em conta os novos cenários que se abrem, com as possibilidades cibernéticas do metaverso e como esse novo paradigma

cibernético estabelece com a questão da transferência e a cultura como constituidora do sujeito humano. Firmou-se que a transferência é um dos pilares que fundamentam a edificação do conceito da psicanálise, sendo assim é preciso maiores estudos com o viés psicanalítico para viabilizar discussões sobre os impactos da noção de transferência para nossa sociedade contemporânea e suas relações humanas universais.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e as ciências sociais psicanálise e teoria da cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BRANDÃO, Junito de Souza. Esfinge. (in) **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega** (3ª ed., Vol. 1, p. 384-388). Petrópolis, RJ: Vozes.

BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CUNHA, Mirian Cezar Carneiro; TAUNAY, Mônica Schiller d'Escragnolle. Decifra-me ou devoro-te: o que quer a esfinge? Reflexões clínicas, mitopsicanalísticas. **30º Congresso FEPAL**. Rio de Janeiro: 2013

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador. Vol. I. 2ª ed.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) Obras Completas Vol. 14**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Shreber”): artigos sobre técnicas e outros textos (1911-1913) Obras Completas Vol. 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) Obras Completas Vol. 18**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) Obras Completas Vol. 15.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) Obras Completas Vol. 6.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência 1960-1961.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise / Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MATTEO, Vincenzo di. Subjetividade e cultura em Freud: ressonâncias no ‘mal-estar’ contemporâneo. **Dossiê Filosofia e Psicanálise**, discurso 036, p. 190-213, 2007.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa.** Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2021.

OGILVIE, Bertrand. **Lacan: a formação do conceito de sujeito (1932-1949).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. **Temas em psicologia**, Vol. 2 No. 2, Ribeirão Preto, 1994.